

Disputa pelo lixo mais rico do País

Catadores, atravessadores, empresários locais e até compradores de São Paulo tentam ampliar margens de ganho na operação

LÍGIA MARIA

O lixo do Distrito Federal é o mais rico do País e por isso mesmo torna-se centro de disputas entre catadores e atravessadores. Mas enquanto homens e mulheres catam lixo nas ruas da cidade e no Aterro do Jôquei Clube da Estrutural, os empresários afirmam que a atividade não é tão lucrativa. Para Jair Vitorino, dono da Capital Recicláveis, a relação com os catadores traz mais desgastes e problemas do que lucros para os empresários, uma vez que as cooperativas "sugam as empresas".

— Os catadores são carentes de tudo. Quando a empresa começa a trabalhar com eles vê-se obrigadas a ajudá-los — diz Vitorino.

O empresário refere-se a falta de estrutura de trabalho dos catadores, que não têm transporte para recolher a coleta da rua, nem espaço para separar o material. Segundo ele, é comum que os empresários emprestem caminhões para as cooperativas, por exemplo.

— Neste momento, três dos meus veículos estão emprestados para os catadores — conta ele.

Um dos veículos do empresário vem sendo usado, há três meses, pela Cooperativa de Catadores Nova Esperança (Cooperno). No entanto, Carlos Henrique de Souza, presidente da Cooperno, diz que o favor causou-lhe uma dívida de, pelo menos, R\$ 8 mil. Apenas com combustível, a cooperativa gastou R\$ 1.780 no último mês.

— Pergunto-me se esse carro está regulado e em condições de rodar — declara o catador, que teme o prejuízo maior.

Na raça — Carlos Henrique de Souza acredita que os catadores perdem mais do que ganham com a coleta de materiais no Distrito Federal, pois são eles que enfrentam todas as dificuldades nas ruas e ficam com a parte mais pesada do processo. Souza lembra que, além da humilhação de



CARLOS HENRIQUE, da cooperativa, junto às pilhas de lixo recolhido: empresários impõem o preço do material porque apenas duas empresas negociam com os catadores

trabalhar com o lixo, os catadores que trabalham no Plano Piloto têm de puxar carroça, uma vez que é a tração animal é proibida na região, ainda que esse vedação nem sempre seja obedecida.

— É por isso que eu digo que, nesta cidade, catador faz tudo no peito e na raça. Nós temos somente coragem e força para trabalhar, porque todo o resto nos falta — diz o catador.

Governo — Jair Vitorino reclama da inatividade do governo em relação aos catadores e as condições de trabalho. Para ele, se o empresário é vilão, o poder público é omisso.

— O governo não faz a parte que lhe cabe. Há quantos anos ouço que vão tirar o aterro da Estrutural e nada é feito — dis-

para.

Outra omissão do governo, segundo o empresário, tem a ver com a facilidade de importação de papel jornal usado da Argentina. Um cliente paranaense da Capital Recicláveis estuda a oportunidade de trocar o material brasileiro pelo argentino. O cenário, declara, é desolador para o empresário de recicláveis do DF.

— As empresas que trabalham com papel têm preferido comprar celulose para material novo e isso tem influenciado na queda do preço do papel reciclado — conta Vitorino.

Perdas e ganhos — Os empresários do Distrito Federal compram material dos catadores e vendem para as empresas paulistas pelo dobro

do preço. Em média, o quilo da garrafa PET sai a R\$ 0,60 no DF e são vendidas a R\$ 1,20. Já o quilo do papel seco custa em torno de R\$ 0,20 para os atravessadores e é vendido a R\$ 1,20.

— Na verdade os empresários impõem o preço do material porque apenas duas empresas negociam com os catadores, a Novo Rio Papéis e a Capital Recicláveis — diz Carlos Henrique, da Cooperno.

O presidente da cooperativa fala de outro aspecto que interfere na desvalorização do produto: a distância das grandes indústrias, verdadeiras beneficiadoras dos materiais. Segundo ele, o catador paulistano vende o quilo do papel branco, em média, a R\$ 0,60.



GIM ARGELLO: Associação prestigia "passado de sucateiro"

Promessas são cobradas

Após nove anos esperando por melhoria de condições de trabalho, que virá por meio da estruturação da Central dos Cantadores e da construção dos galpões, os catadores temem que as propostas não saiam do papel. Segundo uma fonte que não quis ser identificada, o deputado distrital e secretário do Trabalho, Gim Argello, estaria apoiado os empresários e pressionando o governo para que as melhorias não saiam do papel. Argello nega as acusações, apesar de ser vice-presidente da Associação das Empresas Recicláveis (AERBras) de Brasília.

— Essa foi uma maneira da Associação prestigiar a mim e ao meu passado de sucateiro — declara o secretário de Trabalho.

Para João Foster, presidente da AERBras, a presença do deputado na diretoria não privilegia os interesses dos empresários atravessadores, uma vez que eles não têm ganhos especiais com a coleta de materiais no Distrito Federal.

— O meio ambiente e os catadores são os que mais se beneficiam com a coleta do lixo na cidade. Os empresários vêm em último lugar e a lucratividade não é alta — afirma Foster.

Dúvidas — Após dez anos de trabalho pelo meio ambiente e pelos catadores, Sônia Maria da Silva, presidente da Cooperativa 100 Dimensão, acredita que ainda há muito a ser feito para melhorar a coleta e o processamento de lixo e materiais no DF. Mas Sônia também vê os avanços, uma vez que, de acordo com ela, os catadores acordaram para a importância de seu pa-

pel na sociedade.

— Não adianta ninguém tentar impedir que nós avancemos na evolução desse processo, porque nos acordamos após anos fazendo o trabalho pesado — acredita.

A catadora lembra que esses trabalhadores vêm lutando por melhorias, o que resultou, por exemplo, na qualificação e na profissionalização do trabalho. Com o apoio do Sebrae, os catadores aprenderam a importância de vender o material limpo e como beneficiar o plástico do PET vendido para as grandes empresas.

— A indústria quer profissionalização e nós temos de ser eficientes para sermos independentes dos atravessadores. Uma vez que os intermediários são os que mais ganham com o lixo, temos de lutar pela nossa independência e por melhores ganhos de um trabalho pesado — declara a mulher.

Sônia Maria acredita que todo esse quadro é resultado de uma transformação dos processos produtivos do lixo no DF e também de uma profunda transformação social grande. É por isso que ela defende a negociação e o entendimento.

— Os empresários deveriam unir-se para construir uma indústria, porque, em pouco tempo, nós catadores vamos precisar de uma grande empresa de beneficiamento de recicláveis. Isso facilitaria o nosso trabalho, para não termos de mandar o material para São Paulo. Essa saída atenderia todos os interesses, uma vez que não queremos acabar com a importância de ninguém — avalia.

Desperdício marca processamento

O aproveitamento do lixo no Distrito Federal é o mais precário do País, afirma Luiz Carlos Souza, coordenador do Fórum Lixo e Cidadania. Segundo ele, os entraves para a melhoria do processamento do lixo na cidade são Belacap e Qualix — empresa que explora o Lixão —, porque são elas que mais ganham com o processamento.

— A Belacap é o gargalo de qualquer iniciativa no GDF, não somente em relação aos contratos da Qualix, mas também porque falta visão e vontade política para melhorar o processo do lixo — avalia Cassis.

Para o coordenador do Fórum Lixo e Cidadania, os atravessadores teriam o segundo lugar na escala de lucratividade com o lixo. A explicação para isso seria o fato de que eles têm a menor parcela do trabalho e os maiores ganhos.

— Os catadores ficam com a parcela que dá para sobreviver — declara.

Delires Brum, da Cáritas Brasileira no DF, avalia que nem o poder público nem da iniciativa privada preocupam-se com a qualificação da renda financeira dos catadores. O fator teria motivação política, já que a pobreza torna os catadores mais suscetíveis à manipulação.

— A indiferença, a falta de condições de trabalho, a miséria, tornam essas pessoas suscetíveis à manipulação de



DELIRES: nem poder público nem iniciativa privada preocupam-se com qualificação dos catadores

quem tem o poder. E nesta história quem o poder está na mão dos atravessadores, que impõem seus preços e as suas condições no mercado — afirma Delires Brum.

Seletividade — Segundo Cassis, o governo precisa investir em educação ambiental para coleta seletiva, uma vez que o programa Lixo Limpo ainda é bastante tímido.

— Sem isso, nenhum projeto que contemple a melhoria do processamento do lixo poderá ter sucesso — afirma Cassis.

A seletividade parte do processo de inclusão social dos ca-

tadores, uma vez que a proposta é levar todo o material seco recolhido na cidade para os galpões dos catadores.

— Apenas isso, explica, garantirá melhoria financeira para essas pessoas — declara.

Deficiência — Para dar certo, a inclusão social dos catadores depende da instituição da Central dos Catadores e da construção dos galpões. A central dará força política para os cooperados, já que ela articulará os negócios com as empresas. Já os galpões melhorarão as condições de trabalho.

— É uma vergonha que na ca-

pital do País haja um lugar explorável como o Lixão. Isso mostra o descaso e a falta vontade política — opina Cassis.

O coordenador do Fórum Lixo e Cidadania reconhece o esforço e a boa vontade da vice-governadora Maria de Lourdes Abadia para melhorar a condição dos catadores, mas a considera uma força no apoio à proposta de inclusão social, mesmo sabendo que isso incomodará os empresários.

— Nossa proposta é tentar construir uma cadeia produtiva na qual todos possam ganhar — diz Cassis.

André Oliveira

Arquivo JB

Marcos Brandão